

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
ARQUITETURA E URBANISMO

Nome da aluna: Adriana Gomes Cardim

Orientador: Sergio Lessa Ortiz

ESTUDO DA SEMIÓTICA E FENOMENOLOGIA NO PROJETO DE
ARQUITETURA E URBANISMO

RESUMO

O presente estudo possui o objetivo de desenvolver uma análise crítica sobre a aplicação dos conceitos da Semiótica e Fenomenologia no projeto de arquitetura, consistindo em compreender melhor a forma de representação e interpretação da arquitetura e do modo com que a edificação consegue produzir sentido, causar diferentes sensações e percepções no observador. O método adotado para a pesquisa foi o qualitativo, de caráter exploratório contando com uma fase de pesquisa documental e bibliográfica e posteriormente a análise de dois estudos de caso, sendo eles a Casa Ktima e as Termas de Vals. Comparando as respectivas obras e analisando-as com base na Semiótica e Fenomenologia, foi possível concluir que esses conceitos foram aplicados nessas edificações e se puderam contribuir tanto para o desenvolvimento do projeto quanto para sua conceitualização e identificação com o local de inserção.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, Semiótica, Fenomenologia, Casa Ktima, Thermas de Vals.

ABSTRACT

This study aims to develop a critical analysis on the application of the concepts of Semiotics and Phenomenology in the architecture project, consisting in better understanding the way architecture is represented and interpreted and how the building can produce meaning, cause different sensations and perceptions in the observer. The chosen method adopted for the research will be qualitative and exploratory, with a phase of documentary and bibliographic research and subsequently the analysis of two case studies, namely Ktima House and Therme

of Vals. Comparing the respective works and analyzing them based on Semiotics and Phenomenology, it will be possible to conclude if these concepts were applied in these buildings and if they could contribute to the development of the project as well as to its conceptualization and identification with the surroundings.

KEYWORDS: Architecture, Semiotic, Phenomenology, Ktima House, Therme Vals

1. INTRODUÇÃO

A Semiótica e a Fenomenologia nasceram como correntes da psicologia que buscavam investigar as percepções que um ambiente ou objeto podem causar no ser humano. A Semiótica segundo os estudos de Charles Pierce busca analisar mais especificamente como objetos, símbolos ou edifícios conseguem produzir sentido para as pessoas, já a Fenomenologia conforme o filósofo Edmund Husserl procura entender como os fenômenos, os ambientes, cores e determinados aspectos geram diferentes sensações e percepções no ser humano. Os fatores que influenciam nessa significação e análise fenomenológica envolvem geralmente o contexto histórico de um determinado local, seus aspectos culturais, sociais e sua vivência pessoal.

A relação desses dois conceitos com a arquitetura acontece quando a edificação deixa de ser somente uma construção e passa a trabalhar como um objeto de comunicação, tanto pelo aspecto visual e sua relação com o entorno, como também pela percepção e participação do espectador na obra arquitetônica.

Atualmente com a arquitetura contemporânea têm-se a problemática de como realizar uma boa arquitetura que proporcione uma boa relação entre a edificação, seu entorno e espectador, sem parecer que foi construída apenas pela sua estética arquitetônica na cidade, mas que vá muito além disso e possua um significado e identidade com o local de inserção. Esse aspecto de significado da arquitetura e sua relação com o entorno é algo que vem sendo explorado em diversos projetos que muitas vezes se inspiram na história e nos hábitos culturais da cidade, bairro ou até país, e exploram o uso de determinados materiais e estruturas, formas e disposição interna para criar esse vínculo com o usuário.

Isso também pode acontecer de outras formas como, por exemplo, trabalhar com a arquitetura e os aspectos morfológicos do terreno, fazendo com que a edificação componha parte da topografia e interaja com a vegetação e a paisagem.

A partir disso, uma das principais problemáticas levantadas que norteou essa pesquisa foi a de investigar qual seria a relação da fenomenologia e semiótica com a arquitetura contemporânea? E qual é o impacto desses respectivos conceitos na arquitetura? A hipótese inicial sugere que se a Fenomenologia e a Semiótica tiveram impactos na elaboração do projeto arquitetônico,

então, é possível, que seus usuários e críticos projetuais percebam a construção e consigam ainda identificar quais conceitos influenciaram seu partido arquitetônico.

Neste artigo, apresenta-se uma análise desses conteúdos no projeto de arquitetura interpretando dois estudos de caso: a Casa Ktima localizada na ilha de Antiparos na Grécia, projeto dos arquitetos Camilo Rebelo e Suzana Martins, edificação que ganhou notoriedade após a aparição na série realizada pelo Netflix “As casas mais extraordinárias do mundo” lançada em 2017. E as Termas de Vals, localizada na cidade de Vals na Suíça, projetada pelo arquiteto Peter Zumthor ganhador do prêmio Pritzker em 2009.

A análise das obras foi feita com o intuito de investigar principalmente a relação da edificação com o contexto histórico do local, sua topografia e hidrografia, o uso das formas, cores e materiais, aspectos projetuais de iluminação, ventilação e circulação, e ainda buscando compreender como essa combinação conceitual influencia de forma positiva ou negativa no projeto e na percepção do observador.

2. CONCEITUALIZAÇÃO E RELAÇÃO COM A ARQUITETURA

Primeiramente analisou-se a etimologia da palavra semiótica, que advém da palavra grega *semeiotiké* que significa “a arte dos sinais”, e pode ser definida ainda, de acordo com o dicionário Michaelis, como “Doutrina filosófica geral dos sinais e símbolos, especialmente das funções destes, tanto nas línguas naturais quanto nas artificialmente construídas.”

De acordo com Charles Pierce, filósofo que fundamentou as bases do estudo desse campo, a semiótica possuía uma ligação importantíssima com a lógica “a lógica é a ciência das leis necessárias gerais dos signos e, especialmente, dos símbolos”. Peirce via a semiótica como uma “doutrina quase- necessária, ou formal dos signos” e entendia que “um signo é aquilo que sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém” (SILVA, 1985, p. 36).

Além disso, Pierce também dividiu o estudo da Semiótica em 3 formas: sintaxe, semântica e pragmática, sendo estes definidos por ele como:

- A pragmática, que trata das relações entre os signos e seus interpretantes;
- A semântica, que trata das relações entre os signos e os objetos que eles designam;
- E a sintaxe, que trata das relações formais operadas entre os signos (SILVA, 1985, p.29).

Considerando, então, a arquitetura como um signo comunicacional, sua relação pragmática seria com seus usuários, semântica com a plasticidade do edifício e a sintaxe com a sua relação com os outros signos que poderiam ser interpretados como outras edificações. A arquitetura como signo pode ser definida então como “um signo icônico tridimensional, habitável e vivível, através de relações interespaciais e intra-espaciais.” (PIGNATARI, 1995, p. 154)

A arquitetura, portanto, está diretamente relacionada com esse conceito, e ainda, é possível observar em muitas edificações o seu bom aproveitamento ou não. Desde os primórdios a arquitetura apresenta o debate entre sua forma plástica como uma grande obra e sua função como edifício, e ainda muitas pessoas e estudiosos acabaram ignorando o aspecto comunicacional da arquitetura, priorizando mais a produção de uma arquitetura com “ineditismo morfológico” e gerando edifícios que, por mais que comunicassem o pensamento do arquiteto, não correspondiam ao contexto local ou pior, não tinham uma boa relação com seus usuários e observadores. (SILVA, 1985, p. 27).

Em síntese, o arquiteto é o criador e emissor de mensagens, já que por meio do projeto as elabora, e o receptor que, no caso, é o público que usa o edifício, percebe as mensagens através de seu respectivo uso. (PIGNATARI, 2004, p.155). Mas a forma com que o usuário compreende a mensagem pode variar, afinal a interpretação feita pelos usuários a partir da percepção obtida pela edificação também leva em conta outros fatores.

No que se refere à arquitetura, o primeiro e mais imediato fator de comunicação desta disciplina provém da correspondência entre suas formas e materiais e as funções que desempenham quando denotam uma tipologia e um programa de construção inequívocos. No contexto de uma determinada cultura, isto é, além da diferença de língua falada entre as diversas nações que a compõem, não pode haver dúvida sobre a correspondência dos signos arquitetônicos de alguns tipos de edifícios, tanto no que se refere aos relativos aos aspectos simbólicos, monumentais. (SILVA, 1985, p. 47)

E é nesse contexto que entra o campo da fenomenologia, que vem da união de duas palavras gregas, *phainómenon* que significa “aquilo que se manifesta” e *logia* que pode ser traduzida como estudo, resultando então, no estudo daquilo que se manifesta, conforme definição no dicionário Michaelis a fenomenologia é “O sistema filosófico que trata da descrição e classificação dos fenômenos”.

A fenomenologia na arquitetura se manifesta a partir do momento em que se assume que ela possui um teor comunicacional e por meio deste ela causa sensações no usuário. Afinal:

É evidente que uma arquitetura “que intensifica a vida” deva provocar todos os sentidos simultaneamente e fundir nossa imagem de indivíduos com nossa experiência do mundo. A tarefa mental essencial da arquitetura é acomodar e integrar. A arquitetura articula a experiência de se fazer parte do mundo e reforça nossa sensação de realidade e identidade pessoal; ela não nos faz habitar mundos de mera artificialidade e fantasia. (PALLASMAA, 1996, p. 11)

Portanto, a importância desse conceito dentro da arquitetura se deve principalmente ao fato de poder trabalhar com as sensações dos usuários que adentram o edifício, ou seja, transformando a experiência do indivíduo na edificação em algo positivo, tanto por meio da disposição dos espaços como também pelas cores e materiais utilizados.

Quando se ignora a influência que a arquitetura possui nesse quesito ou simplesmente quer-se forçar algo aos usuários, a edificação fracassa como causadora de fenômenos. Nos últimos tempos é possível observar cada vez mais uma falta de humanismo na arquitetura e urbanismo, que pode muito bem ser entendido como uma consequência da negligência dos arquitetos e projetistas com os sentidos dos usuários, gerando um desequilíbrio de nosso sistema sensorial. (PALLASMAA, 1996, p.17)

E é a partir desses estudos e conceituação que foram analisados os estudos de caso a seguir, levando em conta tanto o teor comunicacional da obra, como a influência que eles geraram nos respectivos usuários.

3. ESTUDOS DE CASO E ANÁLISE DOS PROJETOS

Neste momento, foi realizada uma apresentação dos estudos de caso escolhidos para esta pesquisa, cada projeto contextualizado em seu local e analisado de acordo com a intenção e os conceitos que os arquitetos adotaram para essas determinadas construções.

3.1. CASA KTIMA

Toda experiência comovente com a arquitetura é multissensorial; as características de espaço, matéria e escala são medidas igualmente pelos nossos olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, esqueleto e músculos. A arquitetura reforça a experiência existencial, a nossa sensação de pertencer ao mundo, e essa é essencialmente uma experiência de reforço de identidade pessoal. Em vez da mera visão, ou dos cinco sentidos clássicos, a arquitetura envolve diversas esferas da experiência sensorial que interagem e fundem entre si.. (PALLASMA, 2009, p. 39).

Imagem 1 – Foto externa da Casa Ktima



Fonte: NIT (2019). Disponível em: <https://nit.pt/coolt/televisao/as-7-melhores-casas-do-mundo-segundo-serie-da-netflix/attachment/293315> **FICHA TÉCNICA**

Arquitetos: Camilo Rebelo + Susana Martins

Localização: Antiparos, Grécia

Área do terreno: 24.500 m²

Área edificada: 950 m²

Ano do projeto: 2014

3.1.2 LOCALIZAÇÃO E ASPECTOS MORFOLÓGICOS

O projeto se encontra a noroeste da Ilha de Antiparos, na Grécia, que é uma pequena ilha habitada no Sul do Mar Egeu. Antiparos segundo o site *Municipality of Antiparos* o local apresenta uma área aproximada de 35 km² e população por volta de 1200 habitantes.

A morfologia da ilha é caracterizada em sua maior parte como plana, contando com a presença de alguns picos montanhosos, que favorecem o desenvolvimento de ventos fortes na região que contribuem para aliviar o clima seco e com alta umidade do local.

De acordo com o site Travel Zone, no passado, a ilha era conhecida como Oliaros, nome de origem fenícia que significa "ilha arborizada", característica que existia anteriormente. Antiparos atualmente possui uma vegetação natural baixa e árida e composta por algumas flores silvestres e arbustos, apresentando ainda em algumas poucas áreas alguns cedros, bem como alguns tamariscos, remanescentes da densa vegetação que cobria a ilha em outros tempos.

O projeto ganhou o nome de Casa Ktima não por acaso, de acordo com a publicação do ArchDaily Brasil em 2015 “Ktima, em grego, significa fazenda ou pedaço de terra fértil.” E analisando o terreno da casa pode-se observar que a vegetação é menos árida que em outras partes da ilha, possuindo inclusive algumas árvores, ganhando o nome de Ktima por conta disso.

3.1.3 CONTEXTO HISTÓRICO DA ARQUITETURA LOCAL

As Ilhas Cíclades vêm atraindo cada vez mais turistas não somente por suas paisagens maravilhosas e águas cristalinas, mas também por sua arquitetura, ruas tortuosas e pequenas casas em tons de branco e azul.

Analisando o local é possível afirmar que essa configuração arquitetônica teria nascido antes do turismo, já presente há muito tempo naquele local. De acordo com o site Travel Zone essa arquitetura já começa a aparecer na década de 1940 durante a ditadura de Ioánnis Metaxás, general e ditador, que serviu como Primeiro-Ministro da Grécia de 1936 até 1941. Segundo o site Value for life, com a ditadura de Metaxas, realiza-se um decreto no qual todas as casas das ilhas gregas deveriam ser revestidas de cal para evitar a disseminação da cólera que assolava a Grécia naquela época, já que a cal era usada como desinfetante, gerando assim, as primeiras edificações nesse tom branco. Com o decorrer do tempo, de acordo com o site Travel Zone as ilhas continuaram a apresentar esses tons em branco e azul por razões patrióticas, já que a maior

parte da população na ilha era na verdade de prisioneiros políticos exilados. Mykonos, Ios, Serifos, Kimolos e outras ilhas hoje conhecidas por seu turismo, eram lugares de exílio para os comunistas e o azul e branco das casas os faziam lembrar que possuíam uma ideologia diferente da presente naquela época no país.

As casas em branco em azul continuaram a existir mesmo após a ditadura, já que os moradores se acostumaram e gostaram, se identificando com as cores e essa tipologia arquitetônica, tornando esse tipo de construção a mais típica dessa região do mar Egeu.

Outro fator que colaborou para que esse tipo de arquitetura permanecesse também é a questão de conforto térmico, já que essa região apresenta um clima bem quente no verão e o branco das fachadas reflete os raios solares e contribui para amenizar as temperaturas internas das residências.

3.1.4 CONCEITUALIZAÇÃO DO PROJETO

De acordo com a série do Netflix “As casas mais extraordinárias do mundo”, os clientes já tinham em mente a casa que eles queriam antes mesmo que fosse executada. Mesmo sem ter realizado a compra do terreno, eles já haviam solicitado uma espécie de projeto “abstrato” com os arquitetos portugueses Camilo Rebello e Suzana Martins.

O projeto inicial era como uma ponte, e possuía um vão embaixo da casa que emoldurava a paisagem e a vista do local. Porém, os clientes necessitavam de alguns ajustes, eles queriam um espaço mais iluminado e arejado, também queriam uma casa maior, com pelo menos o dobro das dimensões, algo que complicou os ajustes de projeto, e assim, permaneceram por quase um ano adequando o projeto, até que no fim das contas optaram por abandonar essa ideia de projeto. Os arquitetos então, resolveram envolver a topografia do terreno no projeto da arquitetura, incorporando a paisagem e a edificação, se inspirando nos anfiteatros gregos, lugares projetados para apreciar a vista, resultando na edificação que foi construída.

O novo projeto teve como um dos conceitos principais criar dois níveis, sendo que um seria para a casa principal e outro destinado ao aluguel de temporada e áreas de serviço. A ideia também era que a partir desses dois níveis seriam explorados dois pontos de vista, um que se daria pela entrada da casa, onde não se veria a construção em si mas sim suas paredes brancas acompanhando a topografia no terreno, e o outro ponto que seria pelo mar, de quem avistaria uma fachada fragmentada e com angulações. Além disso um outro conceito adotado no projeto foi o de manter o visual da paisagem para todos os nove quartos, tanto os de hospedagem como os da residência.

Para a fachada além dos aspectos de legislação da ilha que exige que os volumes da fachada não possam exceder dez metros de comprimento os arquitetos também se inspiraram na “ordem e caos” da civilização grega para compor o desenho figurativo da edificação.

3.1.5 ESTRUTURAÇÃO, SETORIZAÇÃO E CIRCULAÇÃO

Ainda segundo a série da Netflix, os arquitetos enfrentaram grandes desafios após optarem por realizar a casa parcialmente enterrada. Foram escavados cerca de nove mil metros cúbicos de terra onde realizou-se uma fundação em concreto para a sustentação da casa, além disso as paredes estruturais de sustentação da casa apresentam 3 camadas de tijolo, resultando em uma espessura de aproximadamente 70 centímetros, algo que pode parecer extremamente grosso, mas é muito comum nas construções das ilhas gregas por conta das altas temperaturas, já que por conta dessas paredes mais grossas a temperatura interna das residências fica agradável.

Ao analisar a setorização e circulação da edificação, pode-se afirmar que a maior parte da circulação horizontal se faz por meio de corredores ou “pátios” externos, explorando a sensação de estar dentro e fora da casa. Ainda é possível dizer que os arquitetos quiseram explorar esses “pátios” não só como circulação, mas também com intenção de criar terraços intimistas que atendem também as áreas privativas.

3.1.6 ILUMINAÇÃO E VENTILAÇÃO

Além dos desafios estruturais que a realização de uma casa parcialmente subterrânea impõe a arquitetura, também se tem a questão de iluminação e ventilação. Com o intuito de evitar espaços claustrofóbicos, escuros e abafados os arquitetos elaboraram pequenos espaços vazios ou shafts para garantir a iluminação das áreas mais fundas da casa.

Outro fator interessante decorrente da criação destes shafts é que além de garantir a iluminação natural dos cômodos internos, eles também funcionam como escoamento para o ar da casa, ou seja, a brisa do mar que chega na casa vai passando pelos cômodos internos e depois escoar por esses shafts no fundo da edificação, criando uma circulação de ar sempre contínua e mantendo a temperatura dos ambientes amena.

3.2. TERMAS DE VALS

Um espaço de arquitetura enquadra, detém, reforça e foca nossos pensamentos, além de evitar que eles se percam. Podemos sonhar e sentir que estamos fora dele, mas precisamos da geometria da arquitetura de um cômodo para pensar com clareza. (PALLASMA, 2009, p. 42).

Imagem 2 – Foto externa das Termas de Vals



Fonte: 7132THERME. Disponível em: <https://7132therme.com/en/second-nav/gallery/g/0/3208>.

3.2.1 FICHA TÉCNICA

Arquitetos: Peter Zumthor

Localização: Therme, 7132 Vals Schweiz Suíça

Ano do projeto: 1996

3.2.2 LOCALIZAÇÃO E ASPECTOS MORFOLÓGICOS

O próximo projeto a ser analisado nessa pesquisa é o das Termas de Vals, localizado no município de Vals a sudeste da Suíça em uma região de vale, mais precisamente na parte baixa entre os alpes suíços com altitude aproximada de 1252m, por conta disso a topografia de Vals é extremamente inclinada. A cidade apresenta uma população de aproximadamente 1007 habitantes, distribuídos por cerca de 175km², sendo que a maior parte dessa área é coberta por florestas, geleiras e montanhas tendo pouquíssimas áreas edificadas.

De acordo com o site *Vals Das Bergdorf*, deslizamentos de terra, neve e rochas além de enchentes fizeram parte da história de Vals por um bom tempo, o local possui registro de avalanches desde 1598 e inundações desde 1868, sua pior catástrofe ocorreu em 20 de janeiro de 1951 quando as massas de neve no lado esquerdo do vale enterraram 34 pessoas. O município de Vals fez grandes esforços para evitar o perigo de avalanches com a ajuda do governo que investiu em reflorestamento das áreas próximas ao vale.

Segundo o site *Weather Spark* o clima do município é ameno no verão e extremamente frio e com neve no inverno, na média anual a temperatura não costuma apresentar números superiores a 20°C. Outro fator que atribui condições únicas ao microclima da região é a vegetação alpina,

composta normalmente por florestas de coníferas além de algumas samambaias e musgos característicos.

3.2.3 CONTEXTO HISTÓRICO DA ARQUITETURA LOCAL

A arquitetura da Suíça apresenta uma diversidade de tipologias por todo o seu território, cada local foi influenciado de acordo com o povo que o habitou em um determinado tempo, sejam eles romanos, italianos, germânicos ou até franceses. Devido as diferentes tradições, as pequenas aldeias alpinas possuem materiais e climas diferentes de acordo com site Walser Alps o estilo de chalé suíço que foi extremamente popular no século XIX representa apenas um dos vários projetos tradicionais.

Vals por sua vez se tem a aparência típica a um vilarejo com casas tradicionais da região alpina, com seus telhados característicos de duas águas bem inclinados e estrutura em madeira e pedras de quartzo, a cidade também é extremamente conhecida por conta das suas nascentes e pela qualidade de suas águas.

De acordo com o site Vals Das Bergdorf essa região começou a desenvolver um conjunto populacional por volta do século XI e XII, formado pelo pelos romanos que começaram a habitar a região. Após esse período o povo Walser, de língua alemã, instalou-se no vale e influenciou a arquitetura da região construindo as típicas casas que usam estruturas em madeira mais do que pedra e com o telhado triangular de duas águas.

No século XIX, por conta do desenvolvimento dos meios de transporte surge a oportunidade de desenvolvimento turístico da região. Aposta-se, então, na exploração das fontes termais e constrói-se o "Therme spa hotel" aberto no verão de 1893.

Por conta disso, o município experimentou um modesto impulso econômico. A história de cerca de 60 anos das termas foi moldada pelos altos e baixos econômicos do começo do século XX no período em que ocorreu a primeira e segunda guerra mundial e a crise econômica de 29. Até que em 1960 um especialista alemão em água mineral, Kurt Vorlop, comprou a propriedade do hotel spa. Em 1962 iniciou-se a construção de um novo spa que consistia em um complexo de edifícios com "Salões termais minerais e piscina de ondas ao ar livre" e a área de tratamentos de spa, infraestrutura hoteleira contando com cerca de 345 apartamentos-spa vendidos a particulares, o novo centro foi inaugurado em maio de 1970.

Por preocupação com o futuro do negócio de spas, o município de Vals comprou o hotel spa e com a missão de manter o visual do hotel principal para o vale, o arquiteto Peter Zumthor foi selecionado e projetou um novo banho termal que foi inaugurado em dezembro de 1996.

3.2.4 CONCEITUALIZAÇÃO DO PROJETO

De acordo com o documentário “Architectures” produzido pelo canal público ARTE da rede de televisão europeia, foi solicitado ao arquiteto que se mantivessem as vistas do hotel principal para o vale e ainda mais, que essa nova área se localizasse próximo as nascentes de águas quentes. Por conta disso, Zumthor assumiu o partido arquitetônico de fazer com que a edificação “viesse” das montanhas assim como as nascentes vêm dela, fazendo com que o edifício aparentasse que já estava lá a mais tempo que os outros no seu entorno. Outro fator que contribui para essa união entre o edifício e a paisagem é o telhado verde, que parte da montanha e segue sobre o edifício e camufla a obra na paisagem e a única interferência que pode revelar a sua existência são as linhas da estrutura do edifício que compõem formas no jardim do telhado. Para a fachada e estruturação interna do edifício o arquiteto optou por usar pedras de Quartzito, material comum e em abundância na região, muito utilizado nos telhados que também colabora com o conceito de unir o edifício com a morfologia do terreno.

Vale reforçar que conforme o próprio arquiteto afirma em seu livro sobre o projeto, o ato de banhos termais vem desde a antiguidade com o império romano, e edificação reforça esse conceito antigo, de acordo com a dissertação de mestrado de Ana Cristina Lopes Ramos, Peter Zumthor também se inspirou em outros banhos termais, um que serviu de inspiração para as formas de iluminação desenvolvidas no projeto partiu justamente das Termas de Rudas em Budapeste onde “Uma cúpula com umas pequenas aberturas circulares permite a entrada de raios de luz coloridos entre vapores e penumbra, conferindo ao espaço uma aura mística, uma atmosfera silenciosa e relaxante.” (RAMOS, 2012, p. 119).

Para as áreas internas, um dos conceitos adotados pelo arquiteto foi o de criar diferentes atmosferas, seja pelas cores, intensidade de luz, temperatura da água ou textura das pedras, gerando diferentes sensações no usuário e ainda o deixando livre para percorrer o espaço e se aventurar nos diferentes ambientes sem um roteiro prescrito. O próprio arquiteto descreve em uma entrevista ao documentário já citado, que a experiência de sensações nos ambientes trabalham com um lado “místico” no que parece similar a um ritual, ele ainda compara com o batismo no sentido que as pessoas se despem de suas roupas diárias e entram em um ambiente diferente, e exploram diferentes temperaturas, luz e superfícies onde tudo é simples e essencial.

3.2.5 ESTRUTURAÇÃO E SETORIZAÇÃO

Para a estruturação do edifício, segundo o documentário o arquiteto pensou em unidades individuais, gerando quinze blocos de pedra independentes e diferentes entre si, cada um contendo seu próprio telhado. A laje de concreto que serve como telhado é sustentada por cabos de metal como tirantes que se prendem no solo, essa sustentação fica invisível por conta de uma segunda camada de concreto, antes do revestimento de pedra.

Os telhados projetados para cada unidade se encaixam como em um quebra cabeça e nenhum deles chega a encostar no outro, existe uma distância de cerca de 8cm coberta por uma película de vidro para prevenir que haja infiltração no edifício. Por dentro, esses vãos permitem a entrada de luz e dão uma aparência de leveza a estrutura densa de rocha.

Para as paredes revestidas de quartzo, foram usadas cerca de 60 mil peças de pedra de 1 metro de comprimento, resultando em aproximadamente 60 quilômetros de pedra, as peças parecem ter alturas diferentes mas percorrem o edifício na mesma altura, esse efeito consiste na verdade na união de 3 pedaços com diferentes alturas mas que no final resultam em um padrão de altura de 15cm. A variação desses três elementos possibilita uma variedade na composição sem dificultar a construção em si.

A disposição dos espaços permeia ao longo das duas piscinas principais, uma interna e outra externa, o usuário pode transitar entre uma e outra seja pela própria água ou pelos corredores e escadas, a fachada do edifício apresenta uma série de aberturas que servem como janelas e terraços mas não apresenta nenhuma porta, restringindo seu acesso somente por meio do hotel e da passagem subterrânea que une o hotel ao edifício.

3.2.6 ILUMINAÇÃO E VENTILAÇÃO

O arquiteto se aproveita bastante de pequenas aberturas para gerar a iluminação do espaço interno e com isso gerar diferentes sensações nos usuários, em alguns ambientes a pessoa pode estar como na piscina aberta, a luz do dia e imersa na água e no outro em um ambiente escuro com a iluminação dentro da piscina. Já para a ventilação o edifício possui diversas aberturas, grandes e pequenas que possibilitam a passagem de ar entre os espaços.

4. RELAÇÃO DOS ESTUDOS DE CASO COM A FENOMENOLOGIA E SEMIÓTICA

Realizando uma breve análise é possível observar que em ambos os casos os arquitetos tiveram o partido em comum de incorporar a edificação na morfologia do terreno e ainda de aproveitar os materiais típicos utilizados para a construção em cada local. Vale ressaltar que

dessas atitudes adotadas com os conceitos estudados da semiótica e fenomenologia traçando a relação entre a arquitetura e seu material, afinal segundo Pallasmaa:

A superficialidade da construção de hoje é reforçada por um senso enfraquecido de materialidade. Os materiais naturais – pedra, tijolo e madeira – deixam que nossa visão penetre em suas superfícies e permitem que nos convençamos da veracidade da matéria. (PALLASMAA, 1996, p.30)

O próprio arquiteto Peter Zumthor, afirma também que a “Arquitetura é como um corpo” e o que contribui para a conceitualização do projeto é justamente o poder da imagem da arquitetura e a forma com que essa imagem se materializa em forma de edificação. Em ambos os casos novamente a edificação é quase imperceptível se vista de cima, apenas os contornos permanecem visíveis, mas quando vistas de outro ângulo na parte baixa elas surgem e se manifestam como se já estivessem lá e já compusessem parte da paisagem.

Nos dois projetos, também, se buscou uma inspiração seja em forma ou materiais em uma cultura antiga, no caso das termas, buscou-se a parte histórica dos banhos romanos e gregos e para a casa o formato de um anfiteatro para a contemplação de um espetáculo que no caso pode ser a própria vista.

Um ponto muito importante em ambas as obras é o trabalho com o uso das cores e iluminação, na casa, os arquitetos conseguem transformar uma casa subterrânea que em um primeiro momento passaria a imagem de ser escura, fechada e enclausurada, em um ambiente claro repleto de luz e bem ventilado, a própria combinação de cores da casa em seus ambientes internos, a interação das cores da edificação com o local, a atitude de manter as cores típicas das casas Cíclades com os tons de branco e azul, tudo isso demonstra a intenção dos arquitetos em explorar as diferentes percepções nos usuários.

Assim como as termas que criando diferentes atmosferas em seus ambientes internos relaciona a temperatura da água com uma determinada cor e textura, por exemplo, o vermelho considerado uma cor quente associada a uma água com temperatura de 30 graus, enquanto em outro ambiente uma cor mais azulada seria associada com uma água a temperatura de 12 graus. Em ambos os casos o observador espera um ambiente escuro e desconfortável quando na verdade acaba encontrando o oposto. Segundo Pallasmaa isso se deve ao fato de:

A imaginação e a fantasia são estimuladas pela luz fraca e pelas sombras. Para que possamos pensar com clareza, a precisão da visão tem de ser reprimida, pois as ideias viajam longe quando nosso olhar fica distraído e não focado. A luz forte e homogênea paralisa a imaginação do mesmo modo que a homogeneização do espaço enfraquece a experiência da vida humana e arrasa o senso de lugar. (PALLASMAA, 1996, p.44)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse estudo, pode-se fazer alguns apontamentos críticos sobre a forma com que os conceitos estudados interferem na percepção do usuário no ambiente, principalmente a forma com que por meio de associações busca-se uma imagem para algo que se escuta ou presencia e relaciona-se isso sempre com algo da nossa vivência, cultura ou experiência pessoal. Sabendo disso, é possível sim afirmar que a arquitetura sofre influência dos conceitos da semiótica e fenomenologia e em ambos estudos tiveram impactos na elaboração do projeto arquitetônico, demonstrando que seus usuários e críticos projetuais percebam a construção especial e consigam identificar quais conceitos influenciaram em seu partido arquitetônico.

Além disso, com a constatação desses fatos surge a oportunidade para o arquiteto de fazer o usuário se surpreender com a arquitetura, ao mesmo tempo em que pode também associar e criar uma relação de identificação com a obra como aconteceu nos dois estudos de caso principalmente pelo uso de determinados materiais e cores.

Por fim, pode-se concluir que a arquitetura e seus espaços influenciam diariamente e indiretamente nas nossas sensações, desde o espaço de trabalho, as fachadas das edificações em uma cidade como também até na própria casa. Por conta disso se faz dever do arquiteto zelar sempre pela experiência positiva dos seus usuários, porque nisso que concentra uma boa arquitetura, quando ela interage, comunica e é percebida e abraçada pelos cidadãos e contexto local.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRIANA, Antiparos: the island that everyday is an endless Sunday. **Travel Zone Blog**. Disponível em: <https://www.travel-zone-greece.com/blog/antiparos-island-everyday-endless-sunday/>>. Acessado em: 10 de jun de 2019.

Average Weather in Vals Platz. **Weather spark**. Disponível em: <<https://weatherspark.com/y/63416/Average-Weather-in-Vals-Platz-Switzerland-Year-Round>>. Acessado em: 10 de jun de 2019.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio da Costa Leal, Lídia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro: Eldorado, 1998.

BINET, Hélène (fotografia). **Peter Zumthor: therme vals**. Zürich: Scheidegger & Spiess, 2007.

FRACALOSS, Igor. Clássicos da Arquitetura: Termas de Vals / Peter Zumthor. **ArchDaily**, 2011. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor>> Acessado em: 10 de jun de 2019.

History. **Vals das Bergdorf**. Disponível em: <<https://www.vals.ch/en/municipality-region/municipality/history/>>. Acessado em: 10 de jun de 2019.

Ilhas Cíclades. **Viagem com charme**. Disponível em: <http://www.viagemcomcharme.com/ilhas-ciclades/>>. Acessado em: 10 de jun de 2019.

Ilha de Antiparos. **Tourist Portal**. Disponível em: <https://touristportalgpt.github.io/ilha-de-paros2600/antiparos15056.html>>. Acessado em: 10 de jun de 2019.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte: e na pintura em particular**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Ktima House in Antiparos by Camilo Rebelo + Susana Martins. **The Greek foundation**. Disponível em: <<http://www.thegreekfoundation.com/architecture/ktima-house-in-antiparos-by-camilo-rebelo-susana-martins>>. Acessado em: 30 de jun de 2018

MARTINS, Maria Julia. Casa Ktima / Camilo Rebelo + Susana Martins. **Archdaily**, 2015. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/762926/casa-ktima-camilo-rebelo-plus-susana-martins>> Acessado em: 10 de jun de 2019.

Municipality of Antiparos. **Antiparos**, 2017. Disponível em: <http://www.antiparos.gr/en/episkeptes-2/history/geography-morphology.html>>. Acessado em: 10 de jun de 2019.

PALLASMA, Juhani. **Eyes of the skin, The: Architecture and the Senses**. 1. ed. Grã Bretanha: Academy, 1996.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica da Arte e da Arquitetura**. São Paulo: Cultrix, 1995.

RAMOS, Ana Cristina. **A PISCINA DE MARÉS E AS TERMAS DE VALS**. Por uma recuperação da experiência. 2012. Dissertação (Mestrado integrado em Arquitetura) – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2012.

REBELO Camilo, PIMENTEL Tiago. **Museu do Côa / Casa Kitma**. Uzina Books, 2014.

ROUSSOS, Theodosis. Antiparos underground house on bbc2. **Youtube**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nMFJoo3DRXs&t=234s>> Acessado em: 10 de jun de 2019.

SILVA, Elvan. **Arquitetura e Semiologia**. Porto Alegre, Sulina, 1985.

Swiss Alpine forest communities. **Alpecole**. Disponível em: <<http://www.geo.uzh.ch/microsite/alpecole/static/course/lessons/12/12h.htm>>. Acessado em: 10 de jun de 2019.

THANGAVELU, Sivakumar. “Architectures” 10 of 23 Peter Zumthor The Thermas of Stone. **Youtube**, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c5A3SfG Lo0U&feature=BFa&list=HL 1353724964>> Acessado em: 10 de jun de 2019.

Walser architectural style. **Walser Alps**. Disponível em: <<http://www.walser-alps.eu/culture/building-methods>> Acessado em: 10 de jun de 2019.

Γιατί τα σπίτια στις Κυκλάδες. **Value for life**. Disponível em: <https://valueforlife.gr/travel-life/giati-ta-spitia-stis-kyklades-exoun-lefko-kai-ble-xroma-pos-ksekinise-sto-asvestoma-ton-spition-kai-ton-dromon/>>. Acessado em: 10 de jun de 2019.